

6^a

A Alemanha
declara a
guerra
a Portugal

6000
40
50
8570
857

390
14
404

$12000 \times 25 = 0$
 $40 \frac{12000 \times 25}{35} = \frac{12000 \times 5}{7} = 8670$

90

Entrada de Portugal na Grande
Guerra = Em 10 de Outubro de 1914
 o Governo inglês tinha, em nome da alli-
 ança, convidado Portugal a sair da sua
 atitude de neutralidade e a colocar-se
 activamente ao lado da Grã-Bretanha,
 e em 14 de Novembro seguinte, o nosso
 ministro em Londres, Teixeira Gomes,
 tinha communicado que o Foreign Of-
fice pedia que se fizessem activamen-
 te preparativos para a mobilização.

O ministro Bernardino Machado
~~foi~~, porém, substituído pelo ministro
 Azevedo Coutinho, em 12 de Dezembro,
 e a opposição á nossa entrada na
 guerra ^{tinha-se} pronunciada ~~de~~ claramente.
 Em do Janeiro de 1915 surgiu movimento
das espadas e, com elle, o ministro Pi-
 menta de Castro. Este declarou ao mi-
 nistro inglês que "era sua intenção proce-
 der a mesma orientação da politica
 externa do seu predecessor, designada
 mente a que era baseada na aliança"

mas sentia que os officiaes, que tinham contribuido para que lhe fosse dado o poder, discordavam da entrada de Portugal na guerra.

Vem o movimento de 14 de maio. ~~Um~~ novo governo e' constituido por José de Castro, Paulo José Falcão, Barros Queiroz, Fernandes Costa, Teixeira de Queiroz, Manuel J. Rodrigues Moutinho, José Jorge Pereira e Magalhães Lima. O presidente da Republica Manuel d'Avila, renuncia e substituido ^{o Conselho da Republica dege} ~~mediante eleição~~, por Teófilo Pires.

Em ~~junho~~ ^{22 de Junho} de junho, o ministerio tem a seguinte composicao: José de Castro, José Augusto Ferreira da Silva, Cabral de Menezes, Victorino Guimarães, Augusto Soares, Manuel Rodrigues Moutinho, Norton de Matos e J. Lopes da Silva Martins.

~~Em 29 de julho~~ ^{Um mês depois} nova alteracao: Norton de Matos parte das Colonias para a Guerra, entra para as ~~Colonias~~ ^{Colonias} Alfredo Rodrigues Gaspar, ficando José de Castro com a presidencia e a Marinha.

~~João de Castro em Lisboa~~
 O presidente indigitado fôra João Chagas
 Este chegou a vir de Paris, mas ao chegar ao
 entroncamento foi alojado com um tio pelo
 antigo senador João de Freitas, de que resultou
 João Chagas ficar sem um olho. João de Freitas
 foi morto imediatamente com um tiro de
 um dos circunstanciaes

Entretanto, a Guerra do Cuahama em Angola, os protestos constantes do ministro allemão, as conversações nem sempre claras com o governo inglés, e as discussões lançadas para publico por certa imprensa acerca dos nossos deveres de alliados, tem occupado as atenções de todos estes governos. Até que em 30 de Dezembro, o governo inglés pergunta ao governo portuguez se julga possível requisitar os navios allemães surtos nos portos portuguezes.

O governo portuguez hesita. Esta pergunta não joga ~~com~~ com as recomendações prudentes do governo inglés. Mas em 2 de Janeiro 1916, este наста por que se faça a requisição e em 17 faz o pedido official em nome da aliança.

A requisição effectua-se em 23 á tarde. Destacamentos da marinha de guerra portuguese tomaram posse dos diversos navios allemães ha muito ancorados no Tejo e icaram nettes a bandeira portuguesa saudando-a com uma salva de 21 tiros.

Este facto ia, necessariamente, desen-
cadear a guerra entre Portugal e a Alle-
manha. Com effeito, em 27, o ministro
alemão, Dr. Rosen, pedia ao Governo por-
tuguês a revogação do decreto de requisição
dos navios, e, em 9 de março, declara-
va a guerra a Portugal, em nome do
seu governo.

X

Eu e Roberto Baptista acabavamos
de entrar no gabinete do ministro No-
ton de Mattos quando este nos deu a no-
ticia de ter a Alemanha declarado a
guerra a Portugal, momentos antes. Fo-
mos assim das primeiras pessoas a ter
conhecimento deste grave acontecimento.

Conquanto já a esperassem, havia
a dias, esta noticia enchou-nos de co-
moção.

Que iria fazer a Alemanha? Iria
dir as nossas provincias de Angola e Mo-
çambique? Forçar o porto de Lisboa?

Meitar a Espanha contra nós?

Lembrámo-nos ambos ao Nostro de Mat-
to a conveniencia de chamar quanto an-
tes o Chefe do Estado Major do Exército, ge-
neral Martins de Cavalho e pôl-o ao
corrente da situação. Conquanto duvi-
dassemos ^{interese com que} ~~estivera~~ desta com
municacões ^{seia recebida pelo} ~~o~~ general, mas estava cer-
to que elle não fosse ^{officialmente} uma das primei-
ras pessoas a saber que estavamos
em guerra com a Alemanha.

A conferencia do ministro com o ge-
neral realizou-se á noite, depois do
jantar. Levou talvez meia-noite ou
pouco mais quando acabou. O mi-
nistro mandou ~~o seu automovel~~
^{que} o seu automovel ^{para} pôr-nos todos em casa.

Durante o caminho para casa elle
~~o~~ na Rua da Petes — o gene-
ral apenas nos disse que, em sua opini-
ão, a guerra acabaria pela fadiga, pelo
esgotamento de ambas as partes.

Nostro de Mattos tinha confirmado
nesta conferencia, a certeza da sua des-

crença na utilidade do chamamento
do Chefe do E. M. do E. A entrada de Por-
tugal ^{nesta guerra} não podia surpreender ninguém,
e ella durava havia já quasi dois an-
nos. Que preparações para ella tinha
sido feitas pelo Estado-Maior durante
estes 2 annos?

Esta alta corporação estava habi-
tuada, creio que desde a sua criação, a
não ter iniciativas, a fazer só o que
o Ministro mandava ou alguns estudos
sem interesse immediato e praticos para
o caso de uma guerra. A preparação
da mobilização e a da concentração não
estavam feitas, e entre os ministros e o
Estado-Maior não tinha havido nun-
ca o contacto, a ligação, necessaria.
Veja-se o que me succedeu quando em
1913, sendo eu o ministro, pedias Estado-
Maior o seu parecer sobre o que convi-
ria fazer nas escolas de repetição desse
anno, e a que já me referi.

O ministro lançou-se, pois, no velho
caminho da improvisação. E, assim, che-

1
meu o major Roberto Baptista e encar-
regou-o de preparar tudo para a reuni-
ão de uma divisão de instruções em pé-
de guerra. De todos os officiaes de Esta-
do maior, aquelle que naquella occasião
melhor e mais moderna preparação
tinha para dirigir as manobras de uma
divisão era, com effeito, e sem duvida al-
guma, Roberto Baptista.

Organizou-se uma Divisão com
o nome de Divisão de Instruções, e um
acampamento em Fancos. Os terrenos
da margem esquerda do Tejo - Arripí-
ado - seriam utilizados para a ins-
trução tactica das tropas d'esta Divisão.
O material do batalhão de fronto-
neiros seria utilizado para a com-
munição das duas margens. A pre-
paração que se deveria ter feito em es-
colas de repetição durante os annos au-
teriores, methodicamente, ia agora fazer

de por atacado.

*

Em Maio foi criada a Ecole Prépa
ration de officiers Militaires de
Lisboa. As escolas deste natureza cre-
adas pelo D. lei de 25-5-911 tinham
tudo pouco, mereci da má vontade
dos officiaes que tinham sido seus
instructores. Apenas a de off. m. de
Adm. Militar tinha apurado alguns.

Em Agosto, apresentaram-se em
Lisboa uma missão ~~de officiaes~~ ^{militar} cu-
ples ~~de officiaes~~ ^{constituída pelo} general Bernar-
diston e dois subalternos, e uma mis-
são militar franceza constituída pelo
tenente-coronel Paris e 2 officiaes.
Por ordem do Dec. de Guerra ~~de~~
de 31 de Agosto passei a fazer parte

Secretaria da Guerra

Repartição do Gabinete

N.º 1942

Lisbôa, 31 de agosto de 1916

Ao Sr. Tenente coronel de artilharia e do Serviço do Estado

Maior João Pereira Bastos

Lisboa

Do Chefe da Repartição do Gabinete.

Sua Ex.^ª o Ministro encarrega-me de dizer a V.Ex.^ª se digne comparecer neste Ministério amanhã, 1 de setembro, pelas 13 horas, fazendo uso do uniforme nº 5 com agulhetas, afim de fazer parte da Comissão de oficiais que tem de cooperar com a missão franco-inglesa.

M. J. Pereira Bastos
Chefe de Gabinete

situaçào ~~tal que~~ mais proeminente
que a sua antiga Colónia do Cabo...

A missão franceza, ~~na~~ traria,
as que parecerem, instruções para com
seguiu que as tropas portuguezas em
trazem em campanha em France
ao lado das tropas francezas, e, de
facto, manifestou o seu pesar, quan
do se ~~de~~ ^{assemblem} ~~que~~ sendo a França

ter a nossa velha aliada, não foi
sentido que ~~nos~~ ^{entramos} ~~em~~ ~~campanha~~ ~~as~~ ~~de~~
~~de outra parte~~ ~~as~~ ~~circumstancias~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~tenente~~ ~~coronel~~
~~de~~ ~~Paris~~ ~~invocava~~ ~~em~~ ~~favor~~ ~~da~~ ~~sua~~
~~de~~ ~~as~~ ~~troupas~~ ~~portuguezas~~ ~~sem~~
~~combater~~ ~~nos~~ ~~sectores~~ ~~francezes~~ ~~em~~
~~o~~ ~~facto~~ ~~de~~ ~~ser~~ ~~Portugal~~ ~~em~~ ~~paiz~~ ~~onde~~ ~~a~~ ~~cultura~~ ~~franceza~~ ~~se~~ ~~encontrava~~
~~a~~ ~~cada~~ ~~passo~~ ~~Não~~ ~~sei~~ ~~se~~ ~~seria~~ ~~esta~~
~~atitude~~ ~~da~~ ~~missão~~ ~~franceza~~ ~~que~~ ~~teria~~ ~~com~~
~~venido~~ ~~a~~ ~~missão~~ ~~inglesa~~ ~~a~~ ~~comentar~~

circumstancias que o tenente-coronel
Paris invocava ~~em~~ em favor da sua
de ~~as~~ as tropas portuguezas sem
combater nos sectores francezes — em
o facto de ser Portugal um paiz
onde a cultura franceza ~~se~~ ~~encontrava~~
a cada passo. ~~Não~~ Não sei se seria esta
atitude da missão franceza que teria con
venido a missão inglesa a comentar

Com a nossa ida por France, para um
sector inglês.

A instrução em Tancers continua-
va. O acampamento era muito vi-
vante; chamaram-lhe a cidade
de Pauloua ~~(Paul e Loua)~~. Quan-
do acabou a instrução, realizou-se um
parada nos campos de Montalvo.
O presidente da Republica convidou
me para acompanhar a essa parada.
Como eu fusesse objicções, falou
me com este observação: "Mas meu
"bon amigo, refiare que não é só o Per
"nardin Machado que o quer levar,
"é o presidente de Republica".

^{E no dia seguinte,}
Quando acabou a marcha em
revista não se limitou a cumprimen-
mentar o ministro, pois cumprimen-
tou-me tambem, dizendo:

— Não seria de justiça não o feli-
citar tambem, pois ~~me~~ no que vimos

parte as formalidades do regulamento disciplinar e do código de justiça militar.

A esta triunfosa em nos batemos ao lado da Inglaterra e de France devemos o prosseguir ainda hoje as duas promissões de Angolá e Moçambique

X

A propósito da cidade de Paulone, O general comandante, a princípio, da Divisão de Instrução, e mais tarde do Corpo Expedicionário português Tamagnini de Aheu e Silva, tinha um defeito físico: ^{trinha as costas} era ligeiramente abaulada, ^{deitava a cabeça para a frente} e o ^{abombado} ~~trinha~~ direito ^{era mais} ~~era~~ ^{que o esquerdo}. De solta do diário, por isso, que "o general andava sempre ao 1º tempo de entrar para a barreira".

ALERTA CIDADÃOS

De novo surgem nas columnas da imprensa periodica os mais vehementes protestos formulados por elementos verdadeiramente revolucionarios contra os quadrilheiros do partido democratico que não hesitam em lançar mão dos mais vis e infames processos, para restaurarem o governo despota e tyrano do partido dos escandalos que na sua passagem pelas cadeiras do poder só ousou servir-se de todos os processos para poder acima de tudo sustentar a ignominia.

E' grave o momento. A Republica Portugueza é ameaçada de desaparecer em virtude de repugnantes escrocs tentarem, protegidos pela **formiga branca** assaltar de novo o poder, na certeza de impunidade defendida por Affonso Costa e França Borges que da Republica teem feito falperra para negocios escuros.

Aqui, transformando a pena em ferrete ignominioso, vamos hoje estampar na frente dos estriões desvergonhados o preço da infamia e da traição até agora levada a cabo sem o condigno correctivo.

A experiencia da vida ha muito nos ensinou que para domar as bestas feras é necessario ferro em brasa.

A sociedade portugueza não pode, não neve, nem quer assistir mais uma vez ao desonrolar das scenas tragicas que os tartufos democraticos estão ensaiando nas suas capellinhas á laia de estupidos fanaticos, cnjos episodios não são mais do que a reproducção correctea e augmentado das ferozes perseguições, desapiedadamente executadas por esses bandoleiros cobardes de repugnante memoria, com larga filiação na famigerada **formiga branca**, que de ha muito alimenta a esperança de arrastar para as masmoras sem ar e sem luz todos os cidadãos indefezos que teem nojo de ler a prosa vil e mentirosa do imundo **pasquim de S. Roque** e repugnancia de comungar no credo falsificado dos ratoneiros armados de gazua que nutrem os estomagos com o pão amassado com as lagrimas de infelizes para quem foram ascorosos **judas**.

A tyrania demagogica que vós, oh! grandes democraticos pretendeis restaurar como forma de conduzir e subjugar este Povo que ajudou a fazer a grande revolução de 5 de Outubro de 1910 é um sonho! Uma illusão do vosso passado cheio de hediondos crimes.

E sabeis porquê? Porque o vosso protector e patrão conhecido por **Affonso Ligorio**, é um processado como qualquer criminoso vulgar de direiro comum, e como tal digno de estar occupando um lugar em uma das cellas da penitenciaria quando os tribunaes conscienciosamente apurarem as graves responsabilidades que lhe toca nos assaltos aos cofres publicos, isto para neo fallar mos mais detalhadamente nos vossos correligionarios corruptos que deram em gatunos nas roubalheiras de Ambaca, S. Thomé, Opio e das Aguas de

Rodam sem que esqueçam negocios em prespectiva de comissões que democraticos ferrenhos queriam á força fazer, rompendo com o actual governo por se não prestar a servir negociatas de Leotes do Rego e Silva Graça e outros de equal jaez e nos assassinos de pessimas instinctos que o **verdu-go mor da Republica, Daniel Rodrigues** sustentou a soldo do governo civil, para servirem de amparo a um tyrano afflicto que mandou desterrar para o **castello maldito de Angra do Heroismo** os martxres do 27 de Abril e para a tenebrosa fortaleza Elvas os martxres de 20 de Julho que se levantaram n'um gesto sublime de revolta, contra a iniquidade aassaladora da liberdade de pensamento e contra essa atmosphaera asphixiante de terror e de panico forjada nos corredores escuros do jornal **O Mundo**, para encorajar o nefasto dictador vermelho a mandar encerrar quasi todas as associações de classe, ordenando á canalha avinhada a queima do Kiosque elegante no Rocio, o assalto á Casa Sindical na rua dos Prazeres, a prisão de Carlos Rates e Antonio Henriques no Funchal, prisões na provincia de apostolos do sublime ideal de emancipação operaria como Ferreira Martin e tantos outros que pela sua dignidade de caracter não se prestaram a mascarar-se com vergonhosa senha de defensores da Republica, pagos para perseguirem os que nas horas perigosas de 3 e 4 de Outubro, souberam arriscar a vida, esquecendo a familia para que a monarchia desaparecesse, e o Povo portuguez entrasse n'uma nova era de prosperidade e liberdade.

Quem esqueceu porventura já os crimes de Affonso Costa que nem o exercito poupou, mandando espancar na praça publica o general Jayme de Castro a quem acaba de ser confiado o alto cargo de levantar na guerra europeia o nome do solo portuguez, commandando as forças expedicionarias que em breve partirão para a França.

Quem ignora que ao ser em Março decretada a amnistia para os crimes politicos nas cadeias do paiz existiam mais de **3.000** victimas de Affonso Costa e alguns ainda gemem na cadeia do Linoeiro, porque o formiga Alberto Correia a soldo do governo civil ntendeu preparar uma cilada para que o **grande Affonso** armosse em martyr? E depois d'isto ainda o povo portuguez poderá supportar no poder esse criminoso nato, segundo disse Lombroso, esse scientist criminalista? Não.

Acceptará o povo portuguez todos os governos, mas democraticos, nem quem quer que seja apoiado por elles. Não e não, embora seja preciso derramar nas ruas da capital, vilas e aldeias o nosso sangue.

Affonso Costa e a sua quadrilha nunca.

Abaixo o partido dos tyranos!

Avante pela liberdade!

Um grupo de martyres da tyrania Affonsista.